

Um paisagismo moderno apropriado:

a arquitetura paisagística da Avenida Beira-Mar de Fortaleza, CE (1978-1982)

**SESSÃO TEMÁTICA: ET4 - DIMENSÃO HISTÓRICA E PATRIMONIAL DO PROJETO, DO
PLANEJAMENTO E DA GESTÃO DA PAISAGEM**

Julia Santos Miyasaki
Universidade Federal do Ceará
E-mail: juliamiyasaki@gmail.com

Ricardo Alexandre Paiva
Universidade Federal do Ceará
E-mail: ricardopaiva@ufc.br

RESUMO

A segunda metade do século XX testemunhou uma nova postura nos agenciamentos paisagísticos das frentes marítimas das cidades brasileiras com a implantação de equipamentos voltados para as novas práticas de lazer. Em Fortaleza, CE, as atividades voltadas para este fim começaram a partir da década de 1920, dando origem a um processo de apropriação desigual da faixa de praia. Novas formas de ocupação pelas classes sociais mais altas da cidade se iniciaram na Praia de Iracema e no Meireles e passaram por transformações ao longo do século XX, tendo como um dos momentos marcantes o projeto de paisagismo elaborado entre 1978 e 1982 pelo arquiteto e urbanista Otacílio Teixeira Lima Neto para a Avenida Beira-Mar. O artigo trata deste projeto a partir de uma perspectiva histórica, com o objetivo de examinar os aspectos que o caracterizam como um paisagismo moderno apropriado. Para tal, procedeu-se à revisão bibliográfica acerca do objeto e à análise de fontes primárias, como a iconografia, planos diretores e o memorial do projeto. Como resultados, infere-se uma arquitetura paisagística apropriada ao contexto, tanto no que diz respeito à cultura local quanto às adaptações ao lugar e aos meios disponíveis para a sua execução.

PALAVRAS-CHAVE: Avenida Beira-Mar; Fortaleza; paisagismo; modernismo.

ABSTRACT

The second half of the twentieth century witnessed a shift in the landscape planning strategies of waterfront areas in Brazilian cities, marked by the introduction of facilities oriented toward emerging leisure practices. In Fortaleza, Ceará, initiatives of this nature began in the 1920s, setting in motion a process of unequal appropriation of the coastal strip. New modes of occupation by the city's upper social strata first took shape at Praia de Iracema and Meireles and underwent successive transformations throughout the twentieth century. One of the defining moments of this trajectory was the landscape project developed between 1978 and 1982 by the architect and urban planner Otacílio Teixeira Lima Neto for Avenida Beira-Mar. This article examines that project from a historical perspective, with the aim of analyzing the elements that characterize it as an instance of appropriately contextualized modern landscape architecture. To this end, a review of the relevant literature was undertaken, complemented by an analysis of primary sources such as iconographic materials, master plans, and the project's descriptive report. The findings indicate a landscape architecture well adapted to its context, both in terms of local cultural specificities and the adjustments made to the site and to the material and technical means available for its implementation.

KEYWORDS: Beira-Mar Avenue; Fortaleza; landscape architecture; modernism.

1 INTRODUÇÃO

A década de 1970 foi marcada por um conjunto de mudanças em diversas frentes, que atingiram a arquitetura paisagística em contexto internacional, havendo uma maior atenção às questões ambientais, comunicativas, simbólicas e contextuais aos variados espaços livres que foram criados a partir daquele período (Miyasaki, 2024).

No mesmo período, no Brasil, verifica-se que as práticas paisagísticas modernistas ainda eram comuns, uma vez que “ainda vigoravam as permanências do paisagismo moderno pela importância de Roberto Burle Marx, que continuava bastante atuante” (Miyasaki, 2024, p. 170).

Estas permanências também se revelavam na continuidade das formas de tratamento modernas dos espaços livres, especialmente os espaços livres públicos, com uma diversificação programática, a qual passou a envolver práticas que superavam o flunar característico dos jardins oitocentistas e do início do século XX. A proposição de equipamentos voltados para a prática esportiva e outras atividades de lazer ativo passou a fazer parte do cotidiano dos projetos e intervenções nos espaços livres das grandes cidades brasileiras, fossem públicos ou privados (Macedo, 1999).

Esta forma de agenciamento dos espaços livres públicos atingiu, inclusive, as frentes marítimas, que passaram por transformações de uso nas primeiras décadas do século XX, inicialmente com banhos de mar terapêuticos e posteriormente, incorporando atividades de lazer (Dantas, 2020).

Esta alteração de uso e de função social passou a ser incorporada pelo paisagismo moderno em compasso com as mudanças que ocorriam na escala das cidades a partir das décadas de 1950 e 1960 (Macedo, 2015).

Em Fortaleza, esse processo se verificou desde a década de 1920, quando se iniciaram os banhos de mar e as práticas de lazer na praia e, acompanhando o conjunto de mudanças que se verificava nacionalmente, se consolidou com a abertura da Avenida Beira-Mar na década de 1960.

O seu agenciamento paisagístico de características modernistas, no entanto, ocorreu apenas no final da década de 1970, mais precisamente, em 1978, com o projeto do arquiteto Otacílio Teixeira Lima Neto (1946-2013), o qual revelou aspectos de um paisagismo moderno apropriado, apresentando soluções projetuais que dialogavam com fatores como contexto, meio ambiente e identidade local.

Ao considerar esse projeto como expressão de um *paisagismo moderno apropriado*, estabelece-se um diálogo com o conceito de *modernidade apropriada* de Cristian Cox (1989). Para os fins deste trabalho, entende-se que a modernidade paisagística apropriada desenvolvida em Fortaleza apresenta aspectos que se alinham, em diversos sentidos, ao que é discutido pelo autor. Tanto no entendimento de apropriada como adequada à realidade local e a seu serviço; no sentido de “própria” ao lugar, a partir das peculiaridades locais e, finalmente, como feito próprio, com a produção de uma arquitetura paisagística de características particulares.

Este trabalho é parte de uma pesquisa de doutorado em andamento e busca aprofundar os estudos sobre esse importante projeto de arquitetura paisagística para a história do paisagismo em Fortaleza e em contexto nacional considerando as suas contribuições no campo das intervenções paisagísticas em orlas marítimas no país.

2 OS PLANOS URBANÍSTICOS E A CONSTRUÇÃO DA AVENIDA BEIRA-MAR

A abertura da Avenida Beira-Mar na Praia do Meireles foi um dos raros exemplos de obras previstas em planos diretores urbanísticos elaborados para Fortaleza que foram efetivamente executados, atravessando diferentes gestões (Vasconcelos, 2015).

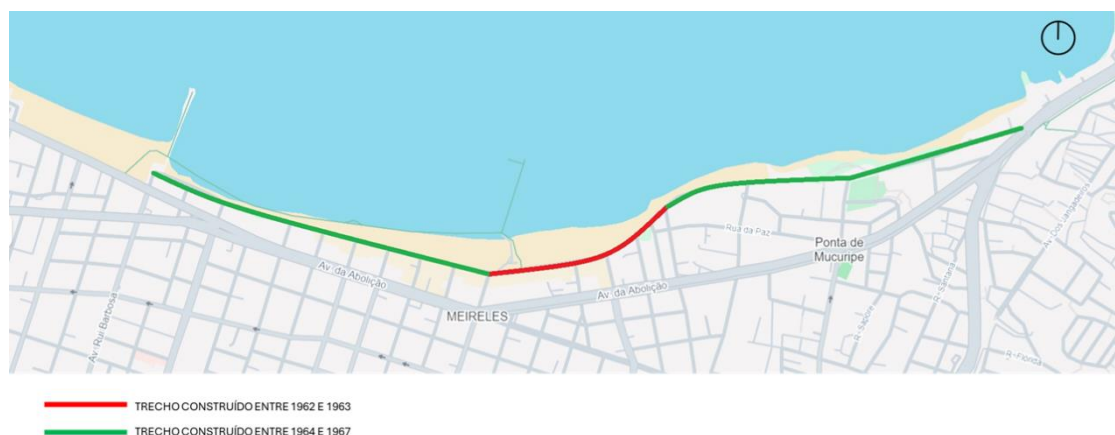
Observa-se que a concentração de atividades de lazer na frente marítima do Meireles – na praia e nos clubes – e o caráter boêmio atrelado à Praia de Iracema a partir da década de 1950 ajudou a consolidar a cidade de Fortaleza como “cidade litorânea e turística” (Vasconcelos, 2015, p. 204).

Em 1963, houve a elaboração de mais um plano urbanístico para a cidade, o Plano Diretor da Cidade de Fortaleza (PCDF), produzido pelo arquiteto e urbanista Helio Modesto e equipe. No plano, consolidado pela Lei Municipal nº 2.128 de 20 de março de 1963, havia diretrizes importantes para os aspectos paisagísticos da cidade. Dentre as proposições, aponta-se que “a construção da Avenida Beira-Mar foi uma das diretrizes mais pormenorizadas no plano, tanto no que diz respeito à construção de uma nova área de lazer urbana, quanto à consolidação da ocupação dos bairros Aldeota e Meireles” (Miyasaki, 2024, p. 128) e foi a única obra que foi minimamente executada, provavelmente devido a interesses políticos e econômicos.

É importante apontar que construir uma avenida-parque na Beira-Mar, classificada no documento como *Parkway*, era balizada pelo entendimento que o espaço, “por seu traçado especial, dará às áreas das praias um valor ornamental e recreativo novo, dando à cidade de Fortaleza, um caráter paisagístico diferente do das outras cidades brasileiras situadas junto ao mar” (PCDF, 1963, p. 203) e era vista como “obra de interesse turístico e recreativo” (PCDF, 1963, p. 203).

A abertura da Avenida se iniciou durante a gestão de Manoel Cordeiro Neto em 1962 e foi concluída em 1963, limitando-se a uma extensão de 1.500 metros, relativo ao trecho compreendido entre a Rua Frei Mansueto e o Clube Náutico Atlético Cearense. Outro trecho da Avenida foi executado entre 1964 e 1967, compreendendo a área entre o late Clube e a Rua Frei Mansueto e entre o Clube Náutico e a Avenida Rui Barbosa, representando apenas uma parte da concepção original do plano de Modesto (Vasconcelos, 2015) (Figura 1).

Figura 1: trechos construídos da Avenida Beira-Mar em Fortaleza na década de 1960



Fonte: autores

As obras continuaram durante a gestão do Prefeito Murilo Borges em 1967, que não implementou o Plano Diretor, foram promovidas desapropriações sem que houvesse um plano de reassentamento da população removida (Accioly, 2008), e prosseguiram durante o governo do Prefeito José Walter Cavalcante (1967-1971) (Vasconcelos, 2015).

A abertura da Avenida, no entanto, não foi acompanhada de um projeto de arquitetura paisagística, compreendendo apenas a caixa de rolamento para a passagem de veículos e passeios pavimentados com cacos de ladrilho cerâmico, além dos bolsões de estacionamento e uma massa vegetal formada pelos coqueirais existentes (Vasconcelos, 2015).

É interessante observar que o uso do espaço para a prática de esportes ocorria no local apesar da inexistência de equipamentos adequados para este fim, assim como a prática do camping por moradores e turistas (Vasconcelos, 2015).

Também se aponta o contraste de ocupação da frente marítima que se deu entre dois espaços bem próximos um do outro: a Volta da Jurema, que passou a ser quase um reduto de praia particular formado por “casas de veraneio, que se dispunham de forma a praticamente interditar a praia à população em geral” (Vasconcelos, 2015, p. 233) e o Mucuripe, reduto de pescadores que resistiram à intervenção excludente que se deu.

Um gesto de enobrecimento do espaço foi a instalação de uma escultura em homenagem à Iracema, famosa personagem do romance homônimo de José de Alencar publicado de 1865. A obra de arte, de autoria do escultor pernambucano José Corbiniano Lins (1924-2018), instalada sobre o passeio da Avenida na altura do cruzamento com a Rua Tereza Hinko, provavelmente foi ali inserida como um elemento identitário do Ceará (Vasconcelos, 2015) (Figura 2). No entanto, observa-se que esta também se encontrava no limite entre a parte nobre e a parte pobre do espaço, uma vez que a partir desse ponto, se adentrava a região do Mucuripe, onde estavam acomodados os pescadores.

Figura 2: Escultura de Iracema e Martim, de José Corbiniano Lins, instalada em 1965.



Fonte: Acervo Nirez

Ainda na década de 1960 foram construídos os primeiros edifícios residenciais situados na Avenida recém-inaugurada, sendo o primeiro o Edifício Jaqueline, datado de 1964 (Cavalcante, 2015). A partir de então, se iniciou um processo de verticalização do lugar, que atingiu o Bairro Meireles, tendo como principal estratégia de marketing a proximidade com o mar (Vasconcelos, 2015).

Nessa altura do processo de urbanização da cidade, a Praia do Meireles constituía não somente um território de residências de veraneio, concentração de atividades de lazer privado dos clubes e das práticas de recreação junto ao mar, mas uma área que se



valorizava gradativamente como local privilegiado da habitação da elite em função da expansão da tessitura urbana em direção ao mar, provenientes do prolongamento da malha urbana procedentes da Praia de Iracema e da Aldeota. (Paiva, 2011, p. 219).

Nos anos 1970, a frente marítima do Meireles se consolidou como um polo de turismo e lazer na cidade, para além da concentração de edificações residenciais de alto padrão. Datam desse período a construção de edifícios institucionais importantes no Bairro, como o Palácio da Abolição, sede do governo estadual inaugurada em 1972, e um novo plano urbanístico para a cidade de Fortaleza, o Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza (PLANDIRF), elaborado pelo consórcio de empresas Serete S.A. Engenharia, SD Consultoria e Planejamento Ltda. e Jorge Wilhelm Arquitetos Associados (Accioly, 2008). Além desses marcos, ao final desta década a Avenida Beira-Mar foi objeto de um projeto paisagístico modernista que se tornou uma referência no tratamento de frentes marítimas no país (Macedo, 2015).

4 A MODERNIDADE APROPRIADA NO PROJETO DE PAISAGISMO DA AVENIDA BEIRA-MAR DE 1978

Na década de 1970, Fortaleza ocupava uma posição de liderança consolidada no Ceará, com a formação de uma região metropolitana, oficializada pela Lei Complementar nº 14/73, formalizando a sua definição por meio de um ato institucional, uma vez que ainda não se verificava uma configuração espacial de fato (Diógenes, 2012).

Nesse período, a paisagem da frente marítima também mudou devido aos impactos do turismo, com a construção de hotéis verticalizados em frente à orla, juntamente com as torres residenciais. Desta forma, foram inaugurados os primeiros hotéis como o Hotel Beira-Mar, em 1972; o Imperial Othon Palace, de 1978, e o Hotel Esplanada, finalizado em 1979 (Vasconcelos, 2015), ajudando a constituir uma nova paisagem na cidade.

Na década de 1970, também foram realizadas diversas obras de infraestrutura urbana, com destaque para as de saneamento realizadas na Avenida Beira-Mar, a qual foi interditada em 1976 para a construção do “interceptor oceânico, mediante instalação de tubulação sob a faixa de areia, para a interligação dos esgotos e interceptação dos cursos d’água entre o riacho Maceió e o riacho Jacarecanga, na Avenida Leste-Oeste” (Vasconcelos, 2015, p. 248) em uma obra que implicou na devastação de alguns maciços de coqueiros em 1978.

No mesmo ano, também foi inaugurado o Monumento ao Saneamento de Base de Fortaleza, de Sérvulo Esmeraldo, “uma escultura de grande porte, de aço tubular, pintado medindo 33,90 metros de comprimento por 11,20 metros de largura por 1,5 metro de diâmetro, que se configuraria como um marco da paisagem da avenida, situado justamente na “Praia do Náutico” (Vasconcelos, 2015, p. 248).

Vasconcelos (2015) também destaca que no plano havia a menção às obras paisagísticas-urbanísticas realizadas alguns anos antes na orla marítima do Rio de Janeiro, como o parque do aterro do Flamengo (1965) e o calçadão de Copacabana (1970), ambos de Roberto Burle Marx (1909-1994). A pesquisadora destaca que os autores do plano entendiam que “a abertura de vias litorâneas urbanizadas nos centros urbanos passava a compor a prática urbanística das cidades brasileiras, passava a fazer parte do “jeito brasileiro” de fazer cidades” (2015, p. 243). Ressalta-se, assim, a vocação que se

desenvolve a partir destes marcos do paisagismo moderno brasileiro de se tratar as orlas marítimas das cidades como uma prática paisagística atrelada à urbanística.

Foi nesse contexto que se desenvolveu um projeto de arquitetura paisagística a partir de 1978, o qual procurou dar forma ao parque linear previsto no PLANDIRF em 1972. O projeto foi concebido e coordenado pelo arquiteto e urbanista Otacílio Teixeira Lima Neto (1946-2013), formado pela Escola de Arquitetura da Universidade Federal do Ceará em 1974, o qual atuava como arquiteto da Coordenadoria do Desenvolvimento de Fortaleza (CODEF).

É relevante ressaltar que a execução da obra de paisagismo também continuou por mais de uma gestão estadual e municipal, algo pouco usual nas grandes cidades brasileiras. Segundo Vasconcelos (2015, p. 255),

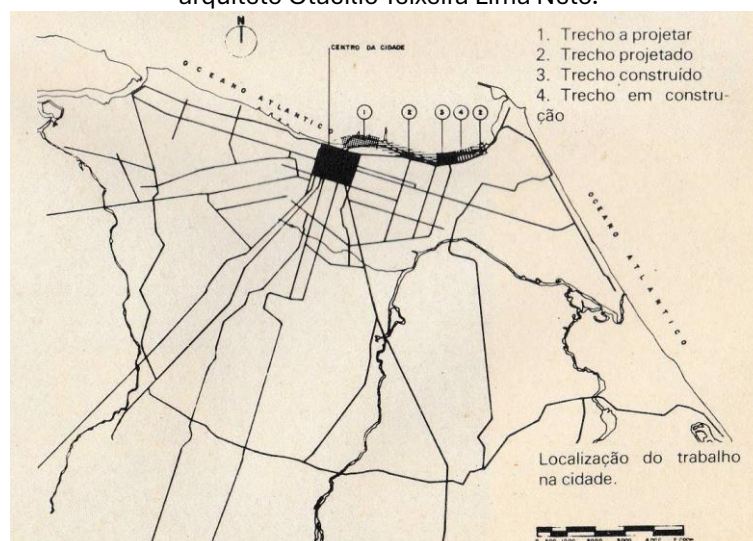
a execução do projeto perpassou as gestões dos governadores Waldemar Alcântara, de 1978 a 1979, e Virgílio Távora, de 1979 a 1982. No âmbito municipal, estiveram os prefeitos Luiz Gonzaga Nogueira Marques (1978 a 1979) e Lúcio Alcântara (1979 a 1982).

Nesse contexto, ao pensar em uma cidade que, na década de 1970, já tinha nas atividades turísticas um importante fator de uso daquele espaço, o qual também passou a funcionar como atrator de investimentos de um mercado imobiliário crescente, compreende-se o motivo pelo qual o investimento nesse “cartão postal” atravessou diferentes gestões.

Outro fator importante foi o impacto que as obras paisagísticas de Roberto Burle Marx em frentes marítimas tiveram sobre a ideia de modernização nas cidades brasileiras. Provavelmente, o apelo visual que o traçado gráfico do calçadão de Copacabana e a popularidade atingidas pelo Parque do Aterro do Flamengo contribuíram para a ideia de modernidade que se instalou no imaginário dos gestores municipais e estaduais. Soma-se a isso, o fato de que eram obras recentes e, portanto, representativas da modernização.

Nesse sentido, parque linear proposto para a Avenida Beira-Mar se coadunava com esse ideário e compreendia uma extensão de 4,5 km, cuja execução foi estruturada em quatro etapas, tendo a primeira se iniciado em 1979 e a última finalizada em 1982 (Lima Neto, 1982) (Figura 3).

Figura 3: Plano das etapas de execução do projeto da Avenida Beira-Mar elaborado pelo arquiteto Otacílio Teixeira Lima Neto.



Fonte: Cadernos Brasileiros de Arquitetura, 1982.

O fato é que, de acordo com o relato do próprio arquiteto publicado na edição especial de 1982 dos Cadernos Brasileiros de Arquitetura, intitulada Panorama da Arquitetura Cearense, o projeto do parque linear da Beira-Mar foi algo “essencialmente experimental e artesanal fugindo, portanto, das convenções normais de elaboração e execução de um projeto” (Lima Neto, 1982, p. 86). Um ponto curioso é que, a despeito do referido impacto das obras de Burle Marx sobre o imaginário dos planejadores e gestores municipais, conforme depoimento do arquiteto em 2013 a Emiliano Cavalcante Teixeira Lima, publicado em 2024, o projeto não teve uma relação direta com os projetos supracitados:

Só existia o calçadão do Rio de Janeiro, que não era referência. Com duas linhas paralelas e um piso no meio se assemelhava mais a calçada existente na própria beira mar. Procurei saber de algumas praias em outros países, mas nada parecia servir. Foi quando as curvas de nível ganharam força. A ideia era ser diferente (Lima Neto, 2013 apud Lima, 2024, p. 79).

A referência às curvas de nível provavelmente se deve ao fato de que o projeto foi elaborado em condições adversas devido à escassez de recursos da Prefeitura da época. Não havia, por exemplo, “levantamentos precisos da topografia e da vegetação, a não ser a aerofotogrametria da cidade, que foi transportada de 1:2.000 para 1:200, a escala do projeto” (Lima Neto, 1982, p. 86). Como forma de lidar com essa questão, o arquiteto relatou que, juntamente com a sua equipe, teve que percorrer o terreno para a sua melhor compreensão. Uma prancheta também foi instalada no canteiro de obras para a reelaboração do projeto de acordo com os problemas que iam sendo encontrados ao longo da execução (1982, p. 86).

É possível observar que o traçado elaborado apresentava aspectos modernistas, com curvas sinuosas (Figura 4) em alguns pontos que exibiam certa semelhança com o do projeto de Burle Marx para o Parque do Aterro do Flamengo (Figura 5), embora isso não seja afirmado pelo autor em seu relato. Segundo Lima Neto (1982, p. 86), “elaboramos, então, um traçado que nos permitisse toda a mobilidade possível, pois sabíamos que, no decorrer da obra, alguma coisa teria que mudar. Desenhamos os contornos dos passeios de uma forma ondulada, sem rigidez”.

Figura 4: Traçado sinuoso do calçadão da Beira-Mar de Fortaleza, adaptado às formas do sítio.



Fonte: jornal Diário do Nordeste.

Figura 5: Parque do aterro do Flamengo no Rio de Janeiro, logo após a sua construção.



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

A artesanaria de fato marcou o projeto, desde a concepção do traçado até a seleção do piso. O ladrilho cimentício, ou mosaico, como chamado pelo Arquiteto, naquele momento, já estava caindo em desuso e foi necessária a encomenda a algumas fábricas, as quais

tiveram que desenvolver uma fôrma de maneira artesanal para a confecção do grafismo da pavimentação do novo espaço (Lima Neto, 1982). Observa-se que a opção por este tipo de revestimento também foi influenciada pelo seu baixo custo e alta durabilidade, demonstrando, mais uma vez, que o projeto foi muito marcado pela escassez de recursos financeiros (Figura 6).

Figura 6: Piso em ladrilho cimentício no calçadão da Avenida Beira-Mar, década de 1980.



Fonte: Foto de Gentil Barreira no acervo de Emiliano Cavalcante Teixeira Lima.

O grafismo no piso, característico dos projetos paisagísticos modernistas (Macedo, 1999) também foi algo concebido durante a execução da obra. Lima Neto (1982, p. 87) afirmou que

Durante o desenrolar da obra observamos que teria um bom efeito, um desenho que arrematasse as bordas do calçadão, pelo lado da rua. A solução surgiu, inspirada em uma retícula gráfica ampliada, usada em um trabalho de programação visual da própria Prefeitura. Esta retícula formava um **bordado**, que lembrava uma **varanda de rede**. Foi uma espécie de acaso anexado ao projeto (grifo nosso).

Um aspecto interessante do relato do arquiteto é a associação ao bordado e à rede, dois elementos característicos da cultura local, embora transpostos para um grafismo de geometria purista. Não se pode deixar de apontar como a identificação do projeto com o lugar estava presente ao mesmo tempo que o situava no contexto da produção paisagística vigente naquela época.

A adaptabilidade do projeto ao contexto e ao território e à escassez de recursos é outro fato notável em relação a esse parque linear. A inexistência de levantamento topográfico e a necessidade de estender a intervenção com a mesma previsão orçamentária fez com que o arquiteto tivesse que pensar em soluções *in loco*:

Porém uma das coisas mais importantes que aconteceram foi, com o mesmo orçamento, estender o comprimento da obra em mais 330 m, invertendo o sentido do caimento dos passeios para o lado das praias. Isto economizou aterro e fundação, que permitiu uma extensão final de 830 m sem acrescentar nem um centavo aos custos. Esta medida também foi adotada na segunda etapa, da seguinte forma: estipulamos que o volume de aterro deveria se resumir à metade do que havia sido calculado, compensando a falta com a própria areia do local. No final, deu tudo certo e, com a diferença, construímos um anfiteatro à beira do mar, com capacidade para 1.500 pessoas (Lima Neto, 1982, p. 88).

O anfiteatro (Figura 7), aliás, também está localizado em um dos principais pontos de beleza cênica do parque linear e próximo às formações rochosas que marcam esse ponto

da faixa de praia. Sua localização, voltada estrategicamente para o oeste, permite a visualização do pôr do sol em composição com o restante da frente marítima, além do próprio mar, já que a costa forma uma curva em sua direção.

Figura 7: Anfiteatro em construção, 1979.



Fonte: Foto de Gentil Barreira no acervo de Emiliano Cavalcante Teixeira Lima.

O respeito e a valorização do aspecto cênico da paisagem marítima também podem ser percebidos na disposição dos quiosques, ainda que não tenham sido elaborados a partir de uma pré-figuração estrita para o local. Lima Neto revelou em entrevista concedida a Lima em 2013 e publicada em 2024, que estes partiram de um projeto pré-existente realizado para outro lugar, porém foram adaptados de acordo com os problemas que se colocaram durante a obra.

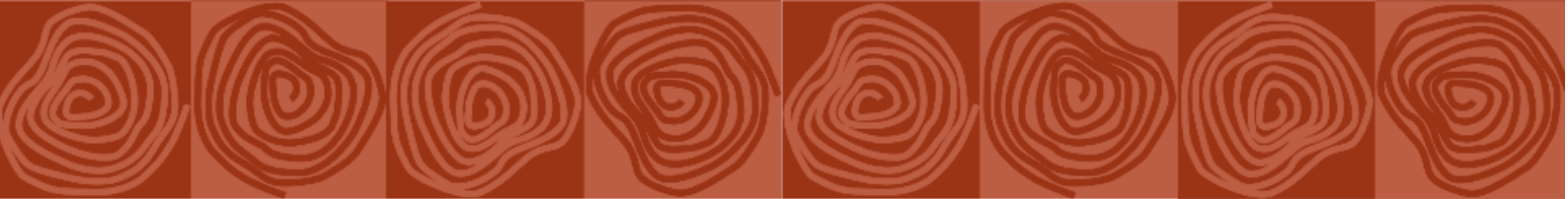
Estas pequenas edificações possuíam a maior parte de seu espaço de uso semienterrada até a altura do balcão de atendimento, emoldurando a visão do mar a partir do nível do solo (Figura 8). Sobressaía-se a coberta de quatro águas, alterada durante a obra, assim como muitas das decisões projetuais citadas anteriormente.

Figura 8: Quiosque em construção, 1979. Percebe-se a sua base semienterrada e a estrutura da coberta em madeira. Ao lado, a árvore demarca a área de permanência criada.



Fonte: Foto de Gentil Barreira no acervo de Emiliano Cavalcante Teixeira Lima.

Outro aspecto interessante foi a incorporação do saber local ao projeto, uma vez que a coberta de palha de Carnaúba (*Copernicia prunifera*) recebeu um tratamento antipragas – foram molhadas com a água do mar – sugerido por um operário durante a obra (Lima, 2024). É interessante observar como a utilização da palha de carnaúba se mostra como mais um elemento de conexão com o lugar, uma vez que a palmeira é uma espécie nativa e muito comum no Ceará. Outra questão que pode ser levantada a partir da análise dessa



pequena edificação é que esta evidencia a adaptação ao meio e aos meios de produção, característica que pode ser entendida como própria de Fortaleza desde os seus primeiros ajardinamentos, provavelmente, devido à escassez de recursos que acompanha a trajetória da produção dos espaços livres públicos da cidade.

Os quiosques vieram a somar ao conjunto de equipamentos voltados para as práticas de lazer dispostos ao longo do parque da Beira-Mar. As quadras poliesportivas faziam parte dos programas de necessidade de espaços livres públicos e privados de maior porte naquele momento do país e, no caso das quadras do parque linear da Beira-Mar, apresentavam estrutura de concreto, tanto no piso como nas estruturas de apoio à cesta de basquete. O concreto também foi utilizado na pista de skate em formato de bowl, disposta de maneira semienterrada, de forma a não impactar a visualização do mar.

O camping, atividade que já ocorria na Beira-Mar, não foi suprimido, continuando a ocorrer em frente ao Clube Náutico, embora não tenham sido construídas estruturas de apoio (Vasconcelos, 2015).

O provimento de espaços livres públicos com equipamentos de lazer ativo e passivo vem ao encontro da concepção modernista de uso desses espaços que se desenvolveu no Brasil a partir dos anos 1960, a qual substituiu o flunar característico dos jardins ecléticos produzidos até o primeiro quartel do século XX (Macedo, 1999).

A vegetação é um dos elementos sobre os quais encontramos poucas informações e que tiveram que ser analisados a partir de um exame da iconografia, principalmente de fotografias do lugar neste período. Percebe-se que a vegetação mais recorrente nas imagens é o Coqueiro (*Cocos nucifera*), também podem ser observadas algumas Castanholeiras (*Terminalia catappa*), sendo a última uma planta invasora. Observa-se que o Coqueiro quanto a Castanholeira aparecem em registros iconográficos mais antigos de espaços livres da cidade, o primeiro nas aquarelas de José dos Reis Carvalho (1800-1872) datadas da segunda metade do século XIX e a segunda em fotografias dos jardins públicos implantados nas praças no início do século XX.

Além dessas espécies, percebe-se que havia um estrato arbóreo que proporcionava sombreamento em áreas de permanência em alguns trechos do parque. Pelo exame das fotografias também é possível observar a existência de uma vegetação rasteira recobrimdo os canteiros em forma de círculo, os quais esporadicamente apresentam alguns arbustos, que parecem plantados de forma improvisada. Não foi possível identificar as espécies dessas vegetações devido à falta de qualidade das imagens.

O primeiro trecho foi inaugurado em 1979 e corresponde ao espaço situado entre o Clube Náutico e a Rua Frei Mansueto. Inicialmente alvo de críticas (Lima Neto, 1982), o parque linear logo foi adotado pela população e se tornou um dos espaços livres públicos mais utilizados e marcantes da cidade.

O projeto foi referenciado por Silvio Soares Macedo (1999) como emblemático, símbolo do tratamento paisagístico de áreas de orla marítima pela sua adaptação ao contexto em que foi implantado e pela quantidade de usos que possibilitava tanto no que diz respeito aos equipamentos quanto no que tange à qualidade do desenho de paisagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da pesquisa em curso e da análise das fontes coligidas, pode-se compreender que o projeto paisagístico do parque linear da Avenida Beira-Mar como fruto de uma modernidade apropriada, a qual articula premissas projetuais características de uma postura projetual modernista, mas adequada às condicionantes locais em seus diversos aspectos.

O projeto dialogava com as novas formas de uso das frentes marítimas das grandes cidades brasileiras litorâneas, inserindo Fortaleza em um contexto de modernização ao incorporar, por exemplo, um programa de necessidades que incluía o lazer ativo e contemplativo, assim como aspectos formais – como o grafismo do piso e o traçado sinuoso de geometria bem definida – e espaciais, como os locais de uso especializado como os quiosques e quadras esportivas, interligados pelos passeios.

Mas realizava esse feito de maneira apropriada, ao apresentar elementos que demonstravam uma apropriação dos códigos modernistas a um sistema de valores próprios, como, por exemplo, o diálogo com a cultura local por meio da referência ao bordado e à rede na elaboração da padronagem do piso, ou à incorporação da carnaúba na estrutura e coberta dos quiosques, as quais remetem às técnicas vernaculares que eram empregadas na construção de edifícios em cidades como Aracati e Aquiraz.

Outro ponto interessante a destacar é a sensibilidade paisagística do arquiteto, apesar de não ter cursado a disciplina de paisagismo na graduação, visto que este se formou em 1974 e esta somente foi adicionada ao currículo da Escola de Arquitetura da UFC em 1977. Essa sensibilidade produziu um projeto apropriado em diversos sentidos: à realidade local frente à escassez de recursos; próprio ao contexto cultural local e próprio no que diz respeito à apropriação dos códigos paisagísticos modernistas, gerando uma linguagem peculiar. A intervenção originou um espaço livre cuja conformação permaneceu durante muitos anos e pode ser entendida como algo de cunho ordenador, mas em diálogo estreito com o local, tornando-a, portanto, mais duradoura, como uma estruturação da paisagem.

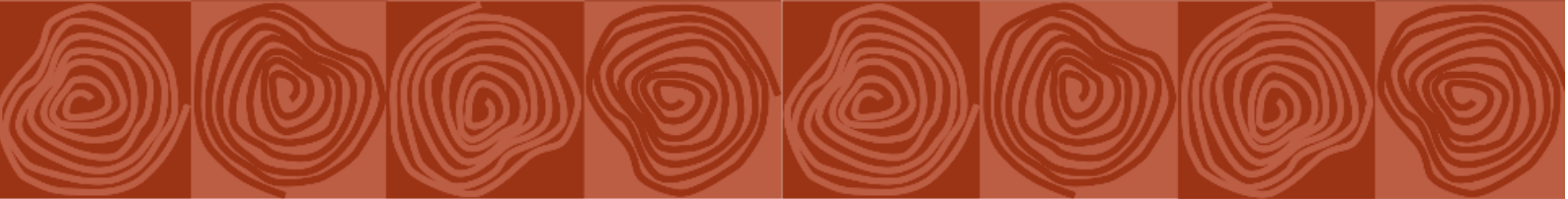
REFERÊNCIAS

ACCIOLY, Vera Mamede. **Planejamento, planos diretores e expansão urbana: Fortaleza 1960-1992**. 2008. 294 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2008.

CAVALCANTE, Márcia Gadelha. **Os edifícios de apartamentos em Fortaleza (1935-1986): dos conceitos universais aos exemplos singulares**. 2015, 645 p. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo), Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.

COX, Cristian Fernandez. Modernidad Apropriada. **Arquitecturas del Sur**, Chile, Vol. 5, nº 14, p. 2-5, 1989. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5231380>. Acesso em: 04 mai. 2024.

DANTAS, Eustógio Wanderley Correia. **Mar à vista: estudo da maritimidade em Fortaleza**. 3. ed. Fortaleza: Edições UFC, 2020.



DIÓGENES, Beatriz Helena Nogueira. **Novas centralidades urbanas:** o bairro da Aldeota em Fortaleza. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2023. 282 p. Coleção Estante Ceará

FORTALEZA. Prefeitura Municipal. **Lei nº 2128 de 20 de março de 1963:** Plano Diretor da Cidade de Fortaleza. Fortaleza, 1963.

FORTALEZA. **Plano de Desenvolvimento Integrado da Região Metropolitana de Fortaleza (PLANDIRF).** Fortaleza, 1972.

LIMA, Emiliano Cavalcante Teixeira. **Bisão, Arquiteto da Paisagem:** repertório gráfico e estratégia formal. 2024. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo e Design) – Departamento de Arquitetura, Urbanismo e Design, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2024.

MACEDO, Silvio Soares. **Quadro do Paisagismo no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999. 143 p.

MIYASAKI, Julia Santos. **A Praça do Ferreira em quatro tempos:** paisagismo e modernidade em Fortaleza. Fortaleza: Fundação Waldemar Alcântara, 2024. 243 p. Coleção Estante Ceará

NETO, Otacílio Teixeira Lima. Urbanização da Avenida Beira-Mar – Fortaleza. Cadernos Brasileiros de Arquitetura (CBA). **Panorama da arquitetura cearense.** São Paulo: abril, 1982. v. 1.

PAIVA, Ricardo Alexandre. **A metrópole híbrida:** o papel do turismo no processo de urbanização da região metropolitana de Fortaleza. 2011. Tese (Doutorado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011

VASCONCELOS, Ana Cecília Serpa Braga. **Fragmentos de modelos?** Projetos e intervenções na orla da Avenida Beira-Mar em Fortaleza – CE (1962–2014). 2015. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) – Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2015.